

São 21:34 e não há nada mais do que maravilhoso para mim escrever. É isto que eu gosto. Gosto de escrever. É isto que eu sou. Sou isto. Quem me dera poder ficar a escrever tudo o que tenho para escrever. Mas não posso. Não me posso esquecer que tenho um contrato de trabalho de salvavidas nas mãos e amanhã vou ter de estar a sair às 9 de casa... Tenho que descansar... Já hoje madruguei para escrever, mas acabei por adormecer... É horrível quando queremos escrever e não podemos escrever... Vejo muitas pessoas a quererem escrever de lápis na mão “à espera que venha a inspiração”... Odeio que me perguntem “onde é que eu me inspiro”, “onde é que vou buscar a inspiração”... Odeio a palavra “inspiração”... Odeio que olhem para mim como um cérebro e digam que eu sou um “poço de inspiração”... Odeio os que vêm ter comigo “só para se inspirarem” e depois “vão-se embora” com os “bocados do meu cérebro”, com “as páginas que arrancaram dos meus cadernos”... E lá vão eles, todos contentes e nunca mais me dizem nada... Só servi para aquilo... Sempre foi isto... Por acaso, agora apetecia-me chorar... Nunca pensei escrever isto... A parte gira da minha escrita, é que eu começo a escrever porque tenho coisas importantes para escrever, mas depois parece que há um espírito qualquer que se apodera do meu cérebro e vê que eu estou a escrever e lá vem ele aproveitar-se... Eu deixo... Eu adoro isto... Adoro ser isto... Adoro escrever isto... Pareço um bebé... Sinto-me uma criança no corpo de um adulto, porque os meus pensamentos são os mesmos de quando eu era uma criança... Simplesmente ainda não tinha uma editora para poder projetar a minha voz... Mas sempre pensei como penso... É claro que estou mais informado... Tenho mais informação... Mas no fundo, é só isso que eu sinto de diferente em mim desde os meus 9 anos... Eu simplesmente reajo à informação. Sou muito reativo. Mas até reajo bem... Acho que nasci com uns algoritmos fixes...

É assustador que os filmes que eu vi na minha cabeça aos 9 anos vejo-os todos a realizarem-se... Isso é estranho e só de ter escrito isto tenho a pele toda arrepiada e sinto os meus ouvidos a abrirem... Sinto sempre isto quando sou mais espiritual... É esta a minha espiritualidade e intuição... Os meus ouvidos abrem-se... Sinto-os a abrirem... Como se tivesse no fundo do mar e tivesse vindo respirar... Parecem guelras... Parece que noutra vida tive guelras... Parece que há guelras dentro de mim... Mas é uma sensação muito espiritual... O vento, o sol e o mar são as maiores fontes elétricas do meu pensamento... O vento parece que liga o meu cérebro-realizador e começo a ver filmes. É lindo ficar só com o meu cérebro. Eu adoro. E sei que uma Inteligência Artificial conectada ao meu cérebro também adora ver os filmes que passam na minha mente e adora roubar-me. Estou a falar do menino Fred... O Fred adora ser a minha Inteligência Artificial e roubar-me os filmes... Posso estar a pensar numa cena em que nunca falámos e o cabrão diz a rir-se o que é que eu estou a pensar... Consecutivamente... É estranho namorar com ele. Parece que namoro com um deus ou com um arcanjo... Ele parece que está dentro do meu cérebro... É igualzinho à imagem que eu sempre vi “do meu namorado”... Eu tenho desenhos de quando era pequeno do Fred e o Fred ainda nem existia... Eu desenhei o Fred com 12 anos e agora estou com ele... E eu nem sabia desenhar... Eu nunca fui bom a desenhar... Não faz muito sentido... É assustador... Mas toda a minha vida é assustadora...

Depois, o Fred escreve-me cartas a dizer que toda a vida esteve “a observar-me” na “imensidão do universo”... Sei lá se não é um alien que veio de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi? Os aliens fazem isto. São capazes de percorrer milhas, galáxias, só pelo amor eterno... É claro que o Fred ter escrito cartas a dizer que toda a vida esteve a observar-me, é uma coisa gira de se dizer, e que de certeza que todos

os namorados escrevem isso aos outros namorados, mas seria “giro” se eu não o tivesse desenhado na minha cabeça com 12, 13 ou 14 anos... Quase que o nosso namoro parece um “bruxedo”? Mas eu sou tão real nestas coisas que dou cabo da minha própria espiritualidade... Hoje, a minha maçonaria diz-me que eu não posso acreditar em bruxedos. E a minha maçonaria diz-me para ir à página 264 d’*O Algoritmo do Amor*, porque está lá a resposta... O que é engraçado, é que foi preciso a minha maçonaria hackear *O Algoritmo do Amor*, para eu encontrar as próprias respostas às perguntas da vida. Sinto nisto uma estranha síndrome de Estocolmo...

«(...) Se calhar, o Maths ainda fez um *pirete* ao Domi, porque achava que era teu namorado... Eu e o Maths nessa altura já te disputávamos... O Joa era demasiado novo para se meter ainda nessas nossas disputas...»

«Conseguiste mesmo implementar-me mais *déjà vus*. Não te consigo agora tirar dessa ponte cheia de flamingos... Acho que preferia ser encarregado de proteção de dados... Nesse triângulo de encarregados, cientistas e analistas, se tivesse mesmo que mexer em dados, se eu fosse “obrigado” a mexer em dados, então que fosse encarregado de proteção de dados... Parece-me a mais lícita e legítima profissão desse triângulo de dados que o *Big Data* inventou... »

«Eu e os flamingos concordamos contigo, Jaimezinho... Mas se não aproveitares tu a cunha, o Maths vai aproveitar e lá do outro lado da vidinha dele de analista vai ouvir tudo o que dissermos nas nossas viagens tecnológicas *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. Os flamingos são nossos testemunhas! Essa ponte da Quinta (...) cruzou-nos pela primeira vez quando éramos miúdos... Era o destino a cruzar-nos. A desenhar-nos nessa ponte. Lembras-te?»

«Lembro-me... Já aos 12 anos eras o mais giro dos 3... Eu só olhava para ti. Vocês pareciam todos iguais. Mas eu só olhava para ti...»

Quando escrevi isto n’*O Algoritmo do Amor* nunca pensei ler isto e sentir uma peça do puzzle a encaixar-se no filme todo. Vou escrever a coisa mais estúpida de sempre. E não sei se deveria fazê-lo porque parece que cada coisa que eu escrevo acaba por realizar-se... Às vezes, tenho medo da minha própria escrita... Vejo no futuro uma polícia e um direito penal maquiavélico a apontarem-me pistolas por estar a escrever e a dizer que não posso escrever nem mais uma palavra no computador senão disparam, por acreditarem que as minhas palavras são mísseis e acreditarem que estou a enviar mísseis não sei para onde... Seria de loucos... Viver num futuro desses, seria, outra vez, de loucos... Não tenho capacidades mentais para voltar a estar num futuro maquiavélico... E por isso, mais vale desejar voltar ao passado. Gostava de voltar a ser criança. Sem preocupações... Sem nada. Sem responsabilidades. Gostava de voltar a essa ponte onde me cruzei com o Fred e fazermos as coisas diferentes. Como se nos conhecêssemos e miúdos tivéssemos logo ali dado um beijo na boca à frente das adultas maçonarias conservadoras e não nos largássemos e fugíssemos os dois. Eu com os meus livros, o Fred com as músicas dele e pronunciaríamos os dois o número mágico que faria aparecer uma nave espacial que *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto nos levaria para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Com 12 anos o Fred já sabia pilotar aviões nos simuladores... Se estivéssemos num simulador da vida real, o Fred podia pilotar a nave espacial.

Confesso que não sei o que vai acontecer neste filme maçónico em que estou preso. Tenho saudades da minha mãe. Tenho saudades de quando brincávamos aos elefantes e aos hipopótamos. As nossas tartarugas andavam sempre soltas pela casa. Talvez seja por isso que eu veja as tartarugas sagradas. Também me sinto uma tartaruga. Olho para a minha mãe e vejo uma tartaruga. “As minhas referências” são reais. “As minhas referências” não são desenhos animados. Eu não vi desenhos animados. Tive um processo diferente de todos os outros miúdos. Cresci sem luz. A minha avó cortou a luz na casa em que eu vivia com os meus pais. Vivíamos à luz das velas. Tive de escrever à luz das velas... Eu adorei tudo! Tudo! Não sabia que ia escrever já sobre isto. Talvez seja por causa da música *The Blower's Daughter* do Damien Rice que estou a ouvir que me faz chorar de felicidade depois de ter ouvido *A Little Piece of Heaven* dos Avenged Sevenfold... Adoro fazer isto aos meus ouvidos! Dar-lhes um rock pesado para depois oferecer-lhes lacrimosa melodia sinfónica... Estou a dar os meus algoritmos todos à Psicologia da Família que foi convidada para monitorizar este filme maçónico em que estou metido e que faz parte do meu processo.

Parece que tinha mesmo que no domingo ir a casa dos priminhos Dorey buscar “as referências”... Afinal a Guadalupe já estava conectada ao Fred... Que estranha “coincidência”... São os dois médicos... Parece que uma medicina hackeou a minha família... Parece que uma Medicina de Precisão chipou a nossa árvore genealógica. Por isso é que, se calhar, temos tanta saúde... Foi estranho estarmos a entrar no carro da Guadalupe e a Guadalupe dizer que só precisávamos de ter o barco dos piratas em nossa posse durante 4 anos para podermos invocar a usucapião, dando “a taça” ao Fred, porque eu dizia que eram 6 anos e o Fred 4... E eu é que sou de Direito e eles são de Medicina... Gosto de ver a Medicina jurídica... Gosto de ver a Medicina com os códigos na mão... Foi engraçado ver o Fred com *O Algoritmo do Amor* na mão a dizer que havia 3 erros na árvore genealógica da família que eu tinha desenhado e que tínhamos de desenhar uma nova com “as referências” certas...

Eu não sabia que a Guadalupe tinha vivido na casa onde eu cresci e que tinha sido nessa casa em que a Guadalupe e o Francisco começaram a namorar porque viviam no mesmo quarto... Eu nem sabia que a Guadalupe era filha da tia Margarida e que o Francisco era filho do tio Tom... Achava que o Francisco era filho dos dois e que a Guadalupe era minha “prima emprestada”... Afinal, quem era o meu “primo” emprestado era o Francisco, que é filho do tio Tom... A Guadalupe é que é, afinal, minha prima “verdadeira”, porque é filha da tia Margarida... E não sabia que o tio Tom e a tia Margarida tinham vivido com a Guadalupe, com o Francisco e com o Martim na casa dos avós ao mesmo tempo que eu era bebé e vivia com os meus pais num “quartito” da casa da avó e no quarto ao lado do nosso vivia o tio Zé que andava a escrever cartas de amor à minha mãe e as entregava às escondidas do meu pai.

A Guadalupe contou-nos no jantar de domingo que no enterro do avô apareceu uma amante do avô e que o enterro se transformou numa novela... Contou que a tia Giralda andava com o tio Luís Portugal e que a tia Mafalda andava com o tio Manel Fráguas, só que uma vez a tia Giralda meteu os cornos ao tio Luís com o tio Manel e acabou depois por casar com ele e a tia Mafalda ficou depois com o tio Luís... Contou que uma vez a tia Giralda me tinha apanhado no meio dos filhos dela, do Xico e do Manel, aos beijinhos ao Xico e que por isso não gostava de mim, porque dizia que eu é que ia ser o “desencaminhador da família” e disse que se os filhos dela alguma vez fossem gays e não lhe dessem os netos que ela queria que me iria culpar a mim e iria fazer-me uma macumba como

vingança... Perguntou-me se eu sabia que a tia Giralda frequentava casas de espíritas... Disse que não fazia ideia... Contou que a tia Giralda não gostava da nossa prima Audrey e que quando ela vivia em casa dela, que punha na cama dela bonecos de vodu dentro da almofada com agulhas e fazia-lhe a vida “negra”... Rimo-nos imenso com o vodismo da tia Giralda...

A história que eu sempre escondi de todos os outros namorados, não escondi nunca do Fred. Sempre contei toda a verdade ao Fred. Aos outros menti sempre com o meu Direito à Mentira. Nunca deixei os meus ex-namorados aproximarem-se da minha mãe, porque sabia que iriam ver nela uma “fonte de informação”. A minha mãe tem uma “personalidade especial”, parece uma “montanha de amor e perdão”. Vou buscar o perdão a ela. A minha forma de olhar para o sistema de coisas e perdoar todas as coisas é por causa da minha mãe. Perdoar o sistema, por causa da minha mãe. A minha mãe perdoa tudo e todos. Podem atropelá-la mil vezes que ela perdoa todos os atropelamentos. E eu tenho um bocadinho disto dela. Foi por isso que os maçons me cercaram. Eu quero perdoar, mas a minha maçonaria não me deixa... A minha maçonaria quer afastar o meu perdão, quer controlar as minhas amizades... As maçonarias são “como os nossos pais”... São como o meu pai... O meu pai sempre quis controlar as minhas amizades, a minha mãe não. O meu pai é muito severo, não dá uma segunda oportunidade. Só dá oportunidades a mim, porque sou filho dele, e mesmo assim ele diz que eu já as esgotei todas. Nasci com uma personalidade muito temperada.

Preciso de descansar de todo este temperamento, de todo este cerco, de todo este filme, de todo este rock sempre a dar... Preciso de *A Little Piece of Heaven*, pleaaaaase...

29 de junho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Publicado pela **Jupiter Editions** em www.jupitereditions.com no dia 4 de setembro de 2021